

Recebido em nov. 2014

Aprovado em dez. 2014

**HERBERT MARCUSE:  
PROCEDIMENTO DIALÉTICO DA NEGATIVIDADE, EFETIVIDADE  
HISTÓRICA DA RAZÃO EM “A NOTE ON DIALECTIC”**

ALBERTO DIAS GADANHA \*

**RESUMO**

Marcuse expõe a negatividade como um processo, como um processo de compreensão, de apreensão de um ‘conjunto’, como uma síntese discursiva. A negatividade é exposta como exigência de um pensar, de uma razão que dialoga (dia-logos), como síntese da palavra em que emissor e receptor se complementam, se enriquecem mutuamente. O procedimento dialético da negatividade, superação sintética se concretiza historicamente na negação determinada do estabelecido. A negatividade compreendida sinteticamente recupera a coerência histórica da razão, compreende a história como palco de realização libertadora, responde às necessidades de efetividade histórica. Discurso negativo exposto, primeiro como evidência das contradições a serem superadas, segundo como identidade propositiva, como uma primeira harmonia de coerência e em etapa conclusiva do processo, a negatividade enquanto discurso é exposta como superação sintética, como uma segunda harmonia recuperadora da coerência da razão, já em sua efetividade histórica.

**PALAVRAS-CHAVE**

Negatividade. Negação determinada. Identidade propositiva. Síntese dialética. Razão instrumental.

---

\* Doutor em Filosofia e professor Adjunto do Departamento de Filosofia da UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE.

### **ABSTRACT**

Herbert Marcuse, after quoting the hegelian definition that “thinking is, indeed, essentially the negation of that which is immediately before us”, asks himself: “What does he mean by negation the central category of dialectic?” This article aims to expose the Marcuse’s results about what is thinking, about what is the negativity. Negativity as a “process of comprehension”, a process of a discursive dialogue, as it is answered in the preface “A note on dialectic”. The negativity is understood as a result of dialectical process by which we could restore the actuality of a first harmony of the reason, its theoretical accomplishment, by a second harmony of the reason, the reason as the determinate negation of the established state affairs. The negativity developed as the historical actuality of the reason.

### **KEYWORDS**

Negativity. Determinate negation. Propositional identity. Dialectical synthesis. Historical reason. Instrumental reason.

**D**esde 1941, no capítulo *A dialética marxista* do livro *Razão e Revolução*, Herbert Marcuse procura compreender a proposição marxiana de uma dialética materialista como superação dialética de proposição hegeliana e expondo, a partir da análise do conceito de negatividade, os elementos de diferença e elementos de identidade destas experiências dialéticas. Pergunta-se Marcuse: “O que quer ele dizer por negação, categoria central da dialética?” (MARCUSE, 1960, viii) De que modo os elementos do conceito de negatividade aparecem na construção da superação dialética, na compreensão da alteração institucional tão exigida por estas perspectivas de superação. Retomamos a exposição da negatividade a partir do prefácio denominado “A note on dialectic”<sup>1</sup>. Andrew Feenberg destaca a importância do prefácio de 1960 da obra *Razão e Revolução*: “Este pequeno ensaio é uma exposição clara e completa do básico em destaque do método filosófico de Hegel. [...] auxiliará o leitor a compreender uma das ideias-chave que acompanhou toda a sua vida: a junção de Marx-Hegel em sua referência a liberdade humana.” (MARCUSE, 2007, 63)

A exposição do método filosófico não separa a compreensão da negatividade enquanto processualidade da reflexão sobre a efetivação da liberdade humana. “A liberdade é para Hegel, uma categoria ontológica, isto significa ser, não um mero objeto, mas sujeito de sua própria existência, não

---

<sup>1</sup> “A note on dialectic” é o prefácio de Herbert Marcuse, publicado na 2ª edição de seu livro *Reason and Revolution* – Boston - Beacon Press, 1960.

GADANHA, ALBERTO DIAS. **HERBERT MARCUSE: PROCEDIMENTO DIALÉTICO DA NEGATIVIDADE, EFETIVIDADE HISTÓRICA DA RAZÃO EM “A NOTE ON DIALECTIC”**. P. 31-53.

sucumbir a condições externas, mas transformar fatalidade em realização” (MARCUSE, 1960, viii)

A negatividade exposta por Marcuse, sob a fundamentação e a superação hegeliana, desenvolve-se como um procedimento dialético. Negatividade enquanto processo porque tem como perspectiva escapar das incoerências de negações imediatas, críticas abstratas em relação ao estabelecido, enfim negações insuficientes para a compreensão do processo efetivo de revolução do estabelecido. As críticas abstratas tornam-se exacerbações negativas e exacerbações positivas e por restringirem-se na positividade ou na negatividade não atingem o objetivo de domínio do conteúdo criticado. Tanto a crítica que restringe sua atividade à negação por negação, aqui denominada de exacerbação do negativo, quanto a crítica de uma proposição positiva de valores transcendentais, pré-estabelecidos à situação empírica, aqui denominada de exacerbação do positivo, as duas são inconsequentes com as suas manifestações de insatisfação com o existente.

**VER GRÁFICO PARA APRESENTAÇÃO DIGITALIZADA DO  
ARTIGO NA PÁGINA SEGUINTE**



## 1. PROCEDIMENTO DIALÉTICO DA NEGATIVIDADE

O processo dialético da negatividade<sup>2</sup> para tornar efetivo o seu objetivo de compreensão do estabelecimento da revolução do *status quo* necessita incluir em seu processo lógico, no processo de construção conceitual, o empírico, o determinado, o estabelecido. A inclusão do universo estabelecido da ação e do discurso aparece tanto no processo de evidência das contradições a serem superadas, elemento a cancelar, quanto no processo de substituição qualitativa do inadequado, de proposição assertiva, coerências a manter. A força motriz do pensamento dialético, como discurso alternativo, está na inclusão em seu processo, primeiro da necessidade da negação destruidora do estabelecido, e segundo da necessidade da alternativa propositiva de alteração qualitativa. A alteração discursiva é construída pela negação, mas por uma negação compreendida dialeticamente, isto é, a negação pensada enquanto síntese entre um primeiro elemento de negação determinada, evidenciadora das contradições do status quo, de um determinado estabelecido e um segundo elemento o da compreensão identificadora de uma qualidade substituinte, possibilitadora da alteração do que fora imediatamente negado. A negação síntese não deixa de incluir em seu procedimento além da primeira negatividade de um determinado estabelecido, a evidência da contradição a ser superada; o segundo elemento da negatividade, a identidade propositiva,

---

<sup>2</sup> Faz parte deste artigo, Gráfico para a apresentação de elementos utilizados no texto.

possibilitadora da substituição qualitativa do inadequado e da classificação do inadequado, elemento critério, é compreendido a partir do próprio estabelecido e mantido para continuidade do processo. A negação enquanto compreensão sintetiza tanto a evidência das contradições, a negação enquanto antítese em relação ao estabelecido; quanto à contraposição propositiva, o juízo de valor contraposto ao inadequado, ao mundo mutilado; este cancelar e este manter têm seu desenvolvimento sintetizado, isto é iniciado e terminado pela negação, enquanto superação do estabelecido, denominada por Marcuse de princípio mestre do pensamento dialético, a negação determinada. Devido a tal princípio, dilui-se a abstratividade tanto da negatividade abstrata (evidência das contradições) quanto da positividade transcendente (contraposição propositiva). “O vocabulário e a gramática da linguagem da contradição ainda são aqueles do jogo, mas os conceitos codificados na linguagem do jogo são redefinidos pela relação deles com sua negação determinada”. (MARCUSE, 1960, xi).

*Kalagatos - REVISTA DE FILOSOFIA. FORTALEZA, CE, v. 11 N. 22, VERÃO 2014*

### 1.1 NEGAÇÃO IMEDIATA DO ESTABELECIDO

O primeiro elemento do procedimento dialético da negatividade é a negação imediata de um determinado estabelecido. O pensar tem aí como função evidenciar as contradições de um empírico determinado, não se fala em geral, fala-se de contradições concretas. A evidência das contradições<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Refere-se ao item 1.1. no Gráfico de Apresentação.

é um pensar que se opõe aos fatos como estão estabelecidos, isto é, a crítica ou a negação, a contraposição que se faz à situação concreta: “O pensamento dialético, portanto torna-se negativo em si mesmo. Sua função é quebrar a auto-segurança e o contentamento consigo do senso comum, para destruir a sinistra confiança no poder e na linguagem dos fatos, [...]” (MARCUSE, 1960, ix). Marcuse destaca que a maneira como se chega a essa contraposição empírica, mostra a característica materialista de uma dialética a partir de Marx. A posição de criticidade materialista se caracteriza pelo reconhecimento nos fatos de um elemento que é um outro destes fatos. “Reconhecimento que as formas estabelecidas de vida estariam atingindo o estágio de sua negação histórica” (MARCUSE, 1960, xiii). A negação histórica de tudo o que possa destruir continuamente o que se valoriza como liberdade pode ter como alternativa ou a aceitação recalcada pelos perdedores do jogo estabelecido de cartas marcadas, ou a aceitação do sofrimento causado pela repressão comandada pelos que planejam e se beneficiam do estabelecido, caracterizando-se como violência generalizada por fatos ou por ameaças que podem transformar a aparência de racionalidade em barbárie.

O progresso da cognição do senso comum ao conhecimento chega até um mundo que é o negativo em sua própria estrutura porque o que é real se opõe e nega as potencialidades que lhe são inerentes – potencialidades que por si mesmo lutam por realizarem-se. Razão é a negação do negativo. (MARCUSE, 1960, X).



A qualificação materialista dialética, para Marcuse, está no reconhecimento dos aspectos contrários responsáveis por sua própria destruição enquanto civilização, nas próprias formas históricas empíricas da vida, aparentemente civilizadas. Sua negação está em sua própria historicidade, em sua empiria.

### 1.2 NEGAÇÃO, IDENTIDADE PROPOSITIVA

O segundo elemento do procedimento dialético do pensar negativo é a capacidade de opor-se ao empírico, apresentando uma proposição alternativa. A identidade propositiva, as coerências a manter<sup>4</sup> contrapõem-se ao universo estabelecido da ação e do discurso, correspondem ao princípio de identidade revelado pelo próprio empírico, pela situação histórica vigente e é capaz da compreensão do outro aspecto do fato, do outro elemento do contingente histórico. A capacidade de alteração conceitual é a capacidade de perceber uma outra alternativa ao histórico, a partir do próprio histórico: “[...] para demonstrar que a não-liberdade está tão no interior das coisas que o desenvolvimento de suas contradições internas leva necessariamente à mudança qualitativa: a explosão e a catástrofe do estado estabelecido de coisas” (MARCUSE, 1960, ix). A crítica, a negação de um determinado estabelecido é um pressuposto para a continuidade do processo que não para na constatação da diferença. O constatar da diferença não é consistente por si, depende do objeto negado, o outro só apareceu porque havia antes o objeto ao qual se contrapôs.

---

<sup>4</sup> Refere-se ao item 1.2 no Gráfico de Apresentação.

Diante destes dois elementos, primeiro o criticado, a situação existencial e segundo o outro do existente, o resultado da crítica, o que resta como continuidade discursiva? Se aceitarmos o objeto, o estabelecido como tal, desprezando-se o seu outro de si, revelado pela crítica, estaremos desprezando o nosso opor-se diante do existente, com isso descartamos a possibilidade de elaborarmos qualquer crítica. Concluiríamos que não se faz crítica ao justapor-se, ao simples concordar, ao aceitar o que está, o status quo, como o que é. Se não temos capacidade de, ao opor-se ao estabelecido, de nos colocarmos diante dele como seu diverso, não teríamos a capacidade de a ele opor-se. No entanto, a negação como procedimento compreensivo da evidência das contradições e de contraposição positiva, de um determinado estabelecido confirma a capacidade do pensar, de revelar alternativa, a diferença diante do objeto, é a expressão da inconformidade do sujeito que não aceita o seu estranhamento. A subjetividade exige a sua marca no objeto. A subjetividade motiva a negação histórica de tudo o que possa destruir o que se valoriza como liberdade.

Não dá para aceitar o objeto como definitivo, seria aceitar o status quo como imutável. Nem mesmo dá para se compreender a capacidade crítica isolada do objeto criticado. A crítica torna-se abstrata, não seria uma crítica efetiva sem a interdependência crítico e criticado. A crítica abstrata estaria reduzida a uma capacidade transcendente em si, seria transcendente ao criticado, seria transcendente à possibilidade da diferença ao criticado. Esse caminho vai dar na parede

do labirinto no qual, justamente desde o início, evita-se cair. Evita-se refugiar num desenvolvimento mental de uma transcendência já a priori pressuposta, como crítica fechada em si mesma. Sendo o objetivo, antes dominar o objeto ao qual estamos opostos e não por ele ser dominado não se pode compreender nem o objeto como isolado em si mesmo, nem compreender a negatividade por si transcendente. Negatividade é processo: primeiro se contrapõe a algo, segundo com algo a se contrapor e por fim, o outro do primeiro estar-aí ou o outro positivo, a identidade resultante, negadora do estar-aí inadequado, do que lhe foi contraposto.

### 1.3 NEGAÇÃO DETERMINADA DO ESTABELECIDO<sup>5</sup>

A negatividade se revelou num primeiro passo como contraposição, como evidenciadora das contradições do status quo. “O poder do pensar negativo é a força motriz do pensamento dialético, utilizado como instrumento para analisar o mundo dos fatos em termos de sua inadequação interna. [...] Inadequação implica um juízo de valor” (MARCUSE, 1960, viii), na conclusão se revela como negatividade identificadora de uma contraposição qualitativa ao status quo. Este segundo passo da negação mostra que a negação é um ato positivo, que por isso coloca algo que se opõe ao inadequado anterior. Esse algo é um segundo positivo que se contrapõe ao primeiro, o estabelecido criticado, o objeto ainda imediato da contingência estabelecida, do ser-aí. Esse segundo positivo é o outro de si do que está sendo criticado. “A

---

<sup>5</sup> Refere-se ao item 1.3 no Gráfico de Apresentação.

identidade é apenas a negação contínua de existência inadequada, o sujeito mantendo-se sendo o outro de si mesmo. Qualquer realidade é, portanto, uma realização – um desenvolvimento de ‘subjetividade’.” (MARCUSE, 1960, viii).

Enquanto um aspecto do estabelecido é compreendido pela evidência de suas contradições, como negável, o outro aspecto do estabelecido é compreendido como contraposição qualitativa, um ato positivo. Enquanto a crítica ao estabelecido de imediato, era correspondente ao princípio lógico da diferença, à antítese, ao ser-aí imediato, estabelecido, agora ao considerar a negação como ato positivo, este aspecto da negação corresponde ao princípio lógico da identidade, isto é, há algo idêntico a si que se opõe ao objeto imediato negado. Esse idêntico a si, positividade, é o outro de si, é igualmente um aspecto do ser-aí imediato. Confirmando que “Realidade é o resultado constantemente renovado do processo de existência – o processo, consciente ou inconsciente em que ‘o que é’ torna-se ‘o outro de si’.” (MARCUSE, 1960, viii). O que é, esse outro de si? O que o determina? Eis a questão que se coloca agora para podermos continuar a expor o processo da negatividade que iniciou com a simples crítica ao estabelecido. “A função libertadora da negação no pensamento filosófico depende do reconhecimento que a negação é um ato positivo: o-que-é repele o-que-não-é e, sendo assim, repele suas próprias possibilidades reais.” (MARCUSE, 1960, x) Já compreendemos que a negação é um ato positivo, o-que-é, o verdadeiro, enquanto objetivo, enquanto

causa final de um processo revolucionário, repele o-*que-não-é*, a situação estabelecida a ser alterada, e já percebemos que todo esse caminho está sendo percorrido porque compreendemos que a filosofia é busca de libertação, causa final. A tentativa de libertação estabelece como uma primeira harmonia, como uma primeira coerência, a harmonia enquanto um todo compreensivo de conteúdos que possam significar uma libertação, mesmo que ainda precária, ainda que só positividade proposta.

A pressuposição positiva de toda crítica, responde à necessidade de se encontrar uma primeira harmonia, de se assumir uma coerência entre a ação e a teoria. A racionalização possível entre elementos contrários deve corresponder à pretensão de alteração. Se há possibilidade de alteração deve haver algo a se alterar. A partir do alterável, se caminha para uma síntese-resultado da alteração que teve como objetivo algo determinado. O objetivo a ser alcançado pela alteração é o aqui denominado de primeira harmonia ou coerência a se assumir. “Desde que o estabelecido universo do discurso é o de um mundo não-livre, o pensamento dialético é necessariamente destrutivo, e qualquer que seja a liberação que tal discurso possa trazer é uma liberação em pensamento, em teoria.” (MARCUSE, 1960, xii).

A liberação teórica, proposição de alteração qualitativa objetivada, correspondente à superação da realidade mutilada do mundo não-livre. “Entretanto, o divórcio entre pensamento e ação, entre teoria e prática, faz parte mesmo do mundo não livre” (MARCUSE, 1960, xii), a liberação teórica procura

compreender os fatos da realidade mutilada como um processo único, enquanto parte de uma totalidade maleável à alteração. No entanto compreender a proposição alternativa, a identidade positiva, a liberação teórica, como algo exclusivo, isola o processo, congela-se a negatividade numa etapa do processo na primeira harmonia. A exacerbação de positividade desta etapa do processo de negatividade seria supor que a identidade aqui pressuposta, fosse uma identidade definitiva e irreversível, como uma concepção de razão denominada por Marcuse de um sistema ordenado completo, averso à processualidade. “Em que consiste então, o poder do pensamento negativo? O pensamento dialético de Hegel não o impediu de desenvolver sua filosofia num sistema ordenado e completo que, enfim acentua enfaticamente o positivo.” (MARCUSE, 1960, xii) A proposição alternativa, enquanto liberação teórica, enquanto primeira harmonia, pressupõe a continuidade do procedimento dialético da negatividade, já compreendido a partir do problema, o status quo, o universo estabelecido da ação e do discurso.

O terceiro elemento do procedimento dialético da negatividade consiste em compreendê-la como superação sintética da razão<sup>6</sup>. Expondo em primeiro lugar, a negatividade, a partir do princípio lógico da diferença como necessariamente destrutiva, e em segundo lugar, a partir do princípio lógico da identidade como solução, mesmo que provisória, às contradições que devem ser evitadas, chegamos ao

---

<sup>6</sup> Refere-se ao item 1.3 no Gráfico de Apresentação.

terceiro momento do processo dialético, momento da inter-relação entre esses dois aspectos de negatividade, momento de ultrapassagem dos dois passos anteriores, o da evidência das contradições e o da proposição teórica alternativa. O objetivo dialético é ultrapassar o estágio teórico para atingir o prático, isto é, tem como objetivo, desde o início do processo de negatividade, alterar o universo estabelecido da ação e do discurso, conseguir um outro universo compreendido e expresso pelo discurso alternativo ao estabelecido, pela possibilidade efetiva da alteração.

Nenhum pensamento e nenhuma teoria podem desfazer isto; mas a teoria pode ajudar a preparar a fundação para sua possível reunião, e a habilidade de pensamento para desenvolver uma lógica e uma linguagem de contradição é um pré-requisito para esta tarefa. (MARCUSE, 1960, xii).

A teoria exige uma superação dialética dos dois momentos da negatividade, não só a negatividade como evidência das contradições, nem só a “primeira” harmonia, como identidade propositiva. A verdadeira negatividade só estará completa se prosseguir ao processo de síntese dialética entre esses dois primeiros passos, esses dois aspectos da negatividade. O processo continuará pela constituição de uma segunda harmonia, compreendida como superação, correspondente ao terceiro princípio lógico, o princípio da coerência. Pela coerência, pelo conhecimento, como diz Marcuse é que se pode ir além. “O conhecimento pode ter causado a ferida na existência do homem, o crime e o culpado; mas a segunda inocência, a ‘segunda harmonia’ só pode

ser obtida pelo conhecimento.” (MARCUSE, 1960, xiii). É pela razão que se compreende o que é processualmente a negatividade. A negatividade é compreendida enquanto resultado do procedimento dialético. Pelo procedimento de superação dialética é que se pode verificar a força e o poder do pensamento negativo enquanto alternativa ao universo estabelecido da ação e do discurso.

A Razão, enquanto desenvolvimento e aplicação do conhecimento do homem – enquanto “pensamento-livre” – foi o instrumental na criação do mundo em que vivemos. Ela também foi instrumental de sustentação de injustiça, do trabalho forçado e do sofrimento. Mas a Razão, e só a Razão, contém seu próprio corretivo. (MARCUSE, 1960, xiv).

A negatividade é compreendida como superação, como síntese, como resultante do procedimento dialético, identificável como a efetividade da razão. Esta segunda harmonia da razão, esta segunda harmonia da negatividade, corresponde à recuperação histórica da razão, corrigida pela própria razão. A razão é efetiva como um todo, não é um todo insuperável, não é um todo definitivo, volta aqui, a última frase do prefácio: “O todo é a verdade, e o todo é falso” (MARCUSE, 1960, xiv). A negatividade é processual, é uma conquista contínua a cada passo à infinitude que configura-se historicamente em etapas que continuam.

A efetividade da razão está em contínua recuperação, pela correção da própria razão, isto é, a razão compreendida pelo conceito de negatividade processual, enquanto superação contínua. A verdade



do todo é uma verdade sintética entre contraposições. Identidade e alteridade estarão sempre em possibilidade de contraposição, desempenham-se em ultrapassarem-se. “Essa possibilidade de alteração faz com que Marcuse acrescente a segunda proposição: o todo é falso. O todo verdadeiro está em xeque e pode tornar-se falso, desde o instante que se percebe, ou se constrói uma outra posição.” (GADANHA, 2007, 13).

## **2. NEGATIVIDADE, EFETIVIDADE HISTÓRICA DA RAZÃO**

A negatividade desenvolvida como processo, chega à resultante de concretude histórica, faz com que se possa reconhecer o histórico como racionalidade, como liberdade histórica, institucionalizada. Marcuse reconhece a forma histórica determinada da razão como a efetividade da própria razão

Hegel via no poder da negatividade o elemento vital do Espírito, e, por aí, da Razão. Este poder da negatividade era, em última análise, o poder de compreender e alterar, segundo as potencialidades amadurecidas, os fatos dados, pela rejeição do positivo assim que este se tornasse uma barreira para o progresso da liberdade. (MARCUSE, 2004, 370)<sup>7</sup>.

A reciprocidade entre história e pensamento, esta proximidade, esta integração com o mundo são conseguidas pelo procedimento dialético pelo qual a própria negatividade foi desenvolvida. “Hegel vê a tarefa do conhecimento como a de reconhecer o mundo

---

<sup>7</sup> Este trecho faz parte do Epílogo, publicado por Marcuse para a edição de 1954, que está incluído na tradução brasileira “Razão e Revolução”.

como Razão, compreendendo todos os objetos de pensamento como elementos e aspectos de uma totalidade que se torna um mundo consciente na história da humanidade.” (MARCUSE, 1960, ix).

Como consequência da compreensão da dialética a partir de Herbert Marcuse verificamos que se compreende o poder do pensamento negativo como um reconhecimento do mundo como razão, constatamos a advertência de Andrew Feenberg em relação ao prefácio de 1960, de que podemos “[...]compreender uma das ideias-chave que acompanhou toda a sua vida: a junção de Marx-Hegel em sua referência a liberdade humana” (MARCUSE, 2007, 63). A crítica, a contraposição negativa da evidência das contradições do mundo dos fatos, tem o suporte antitético da primeira harmonia, hipótese de identidade da contraposição qualitativa que possibilita à própria negatividade a têmpera que lhe fortalecerá no próximo nível de seu desenvolvimento. “Já que ele (Hegel). aceita a forma histórica específica de Razão, conseguida em seu tempo, como a realidade da Razão, o avanço além desta forma de Razão precisa ser um avanço na própria Razão;” (MARCUSE, 1960, xiii). A segunda harmonia, a síntese recuperadora da coerência da razão, sua superação sintética, dá à negatividade a capacidade e a força do discurso alternativo em relação a empiria histórica à qual o discurso estabelecido reproduz. Por ter incluído tanto a desconstrução empírica das evidências das contradições, quanto a primeira harmonia da contraposição qualitativa, torna-se efetiva a reciprocidade entre a empiria e a razão,

torna-se efetiva a síntese história-razão. Compreende-se que a forma histórica de razão é a própria razão efetivada historicamente.

A reciprocidade história-razão poderia ser considerada como tautologia se fosse uma identificação pura e simples, seria uma tautologia se a identidade da razão fosse uma identidade definitiva entre razão e um preciso momento histórico. Essa identidade é processual, não é definitiva. O histórico como parte da equação tautológica, seria compreendido como o contingente, seria compreendido univocamente, sem considerar o outro-de-si como possibilidade e relativo ao em-si, sem compreender todos os fatos como etapas de um único processo, sem a perspectiva negativa que pode fazer parte da compreensão do histórico, não é simples contingente empírico, tem desdobramentos lógico-ontológicos duais. O histórico pela perspectiva do pensar negativo deve ser compreendido enquanto processo do empírico, como elemento primeiro, enquanto tese, em reciprocidade dialética com o outro do aparecido empiricamente, elemento da antítese. A tautologia estaria caracterizada se o histórico fosse compreendido unilateralmente, restrito à situação existencial. O histórico além de ser compreendido com o contingente, pode ser compreendido como reciprocidade, como um tornar-se pela relação entre o existencial e o racional, entre o fato e o valor.

O pensamento dialético invalida a oposição a priori entre valor e fato, compreendendo todos os fatos como etapas de um único processo – processo em que sujeito e objeto estão tão unidos que a verdade

só pode ser determinada no âmbito da totalidade sujeito-objeto. (MARCUSE, 1960, IV).

A têmpera da negatividade, sua força de conceituação, está em sua rigorosa coerência da reflexão na reciprocidade, construída pelo procedimento dialético, como superação da razão. A razão sintetizada ou a negatividade é compreendida em sua especificidade histórica, como processo que acontece empiricamente. Obtém-se deste processo uma crítica, a negatividade determinada do empírico. O procedimento dialético considera como efetiva, como crítica verdadeira, a crítica com a qualidade de negação determinada do estabelecido. Ao se determinar a negação, chega-se a sua forma histórica, à razão em sua especificidade. A crítica tem seu conteúdo e sua forma porque se efetiva como síntese, em sua determinação histórica. “Nada é real (a não ser). que se sustente na existência, na luta de vida e morte com situações e condições de sua existência.” (MARCUSE, 1960, viii).

O poder do pensamento negativo corresponde à reciprocidade entre a coerência da reflexão e sua especificidade histórica. A força que pode turvar a compreensão do estabelecido é a compreensão da razão como simples aqui e agora. A razão em sua forma histórica específica é a própria superação da razão no grau conseguido neste instante. Resolve-se a integração entre a angústia pela verdade efetiva e a exigência de continuidade do processo de sua conquista. Compreende-se a pretensão da razão de integrar a realidade com o que possa dela ser dito.

A força instigante do pensamento negativo é concluir que a forma histórica conseguida pelos mortais neste instante histórico é uma efetivação da razão, não se pode simplesmente afirmá-la como falsa, é verdadeira neste todo histórico específico; será falsa, tornar-se-á inadequada à medida que surgem, a cada instante, variáveis diversas. “Isto não significa que a razão renuncie sua pretensão de confrontar a realidade com a verdade sobre a realidade.” (MARCUSE, 1960, xii) A certeza de verdade da razão, ou da capacidade de negação acaba com a justificativa relativista de poder aceitar as contradições como situações inevitáveis e por isso justificáveis pelo discurso daqueles que tiram delas vantagens. “Diante do poder dos fatos dados, o poder do pensamento negativo continua condenado.” (MARCUSE, 1960, xiv).

A certeza da razão na compreensão do empírico enquanto contrário fará com que o próprio estabelecido procure eliminar possíveis focos de alteração prática ou teórica. A força e a motivação pelo pensar negativo é a condenação do estabelecido como inadequado provisório. O poder do pensamento negativo está no cerne de cada síntese, historicamente realizada. A violência é consequência do discurso das contradições que não mais é aceito pelos prejudicados. A violência institucional estabelecida utiliza-se da força e de qualquer tipo de artilharia para que “aqueles grupos sociais que a teoria dialética identificou como as forças da negação ou são derrotados ou reconciliados com o sistema estabelecido.” (MARCUSE, 1960, xiv).

GADANHA, ALBERTO DIAS. **HERBERT MARCUSE: PROCEDIMENTO DIALÉTICO DA NEGATIVIDADE, EFETIVIDADE HISTÓRICA DA RAZÃO EM “A NOTE ON DIALECTIC”**. P. 31-53.

O volume de recursos utilizados na perpetuação do estabelecido e de seu adequado discurso dá uma ideia de quanto é ameaçador o pensamento negativo, enquanto efetividade histórica da razão, exposição da libertação como o verdadeiro. “O poder do pensar negativo é a força motriz do pensamento dialético, utilizado como instrumento para analisar o mundo dos fatos em termos de sua inadequação interna.” (MARCUSE, 1960, viii).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GADANHA, A. D. *Dialética de Marcuse, o todo é a verdade e o todo é falso* em **Kalagatos** - Revista de Filosofia. Fortaleza, CE, v.4 n° 8, 2007.

MARCUSE H. A note on dialectic em FEENBERG, A. & LEISS W. **The essential Marcuse**. Selected writings of philosopher and social critic Herbert Marcuse. Boston: Beacon Press, 2007.

MARCUSE, H. **Razão e Revolução** – *Hegel e o advento da teoria social*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MARCUSE, H. A note on Dialectic – In: **Reason and Revolution** – Hegel and the rise of social theory. Boston: Beacon Press, 1960.